



O MEDO MOVE:

Diferentes experiências de urbanidade no Festival Jane's Walk Recife 2016, 2017 e 2022

FEAR MOVES:

Different experiences of urbanity at the Jane's Walk Recife Festival 2016,
2017, and 2022

Lívia Nóbrega

*Arquiteta e Urbanista, Doutora em Desenvolvimento Urbano e Docente do Departamento de
Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pernambuco. livia.nobrega@ufpe.br*

RESUMO

Este trabalho reflete sobre o medo enquanto uma constante, e não uma variável, na experiência de urbanidade nas cidades. Para tal, toma como objeto três edições de caminhadas do Festival Jane's Walk em Recife: O que torna uma rua segura para mulheres? (2016), A gente pede luz (2017) e A cidade como suporte para a arte e a vida pública (2022). Apesar dos temas, participantes e percursos distintos, todas elas foram atravessadas pelo medo. Esses atravessamentos fornecem os três eixos que guiam a discussão de cada caso, sendo eles: 1) Assimetrias; 2) Mitigações; 3) Memórias – numa relação de presente, futuro e passado com o medo. Por fim, sugere-se uma mudança de perspectiva na forma como o medo nos move, com estratégias que apontam para uma abordagem menos individual e mais coletiva, isto é, menos voltadas para a sua esquiva e mais estimulantes ao seu enfrentamento.

Palavras-chave: caminhabilidade, Jane's Walk, medo, urbanidade

Eixo temático: 3. Dinâmicas Urbanas

Tópico: Caminhabilidade e espaço público

ABSTRACT

This paper reflects on fear as a constant, and not a variable, in the experience of urbanity in cities. To this end, it takes as an object three editions of the Jane's Walk Festival in Recife: What makes a street safe for women? (2016), We ask for light (2017), and The city as a support for public art and life (2022). Despite the themes, participants, and different paths, all of them were crossed by fear. These crossings provide the three axes that guide the discussion of each case, namely: 1) Asymmetries; 2) Mitigations; 3) Memories – in a present, future, and past relationship with fear. Finally, a change of perspective is suggested in the way fear moves us, with strategies that point to a less individual and more collective approach, that is, less focused on avoiding it and more stimulating to face it.

Keywords: fear, Jane's Walk, urbanity, walkability

Thematic clusters: 3. Urban Dynamics

Topic: Walkability and public space

Introdução

Desde 2016, o Recife e outras mais de 500 cidades realizam o Festival Jane's Walk: caminhadas temáticas que homenageiam o legado da ativista urbana e escritora estadunidense Jane Jacobs. O festival acontece no primeiro fim de semana de maio (aniversário de Jacobs), organizado pelo movimento Jane's Walk (JW), criado em 2006 em Toronto, Canadá, para encorajar “as pessoas a conduzirem suas próprias caminhadas por seus bairros, descobrir aspectos inéditos de suas próprias comunidades e usar a caminhada como uma forma de se conectar com seus vizinhos” (Jane's Walk, n.d., tradução nossa). Cada cidade possui um organizador (*city organizer*) que pode realizar caminhadas durante todo o ano, guiadas pelos *walk leaders*.

Os temas devem ter interface com as ideias da autora, muitas delas presentes em *Morte e Vida de Grandes Cidades* (Jacobs, 1961), marcado pela “fluente escrita de observadora não-contaminada pelo jargão dos urbanistas e sua vivência como moradora do Greenwich Village em Nova York” (Segawa, 2002), um livro “tão bem-sucedido que termina eclipsando a obra que se segue dentro de seu campo” (Netto, 2017). Suas quatro partes (natureza peculiar das cidades, condições para a diversidade urbana, forças de decadência e de recuperação e táticas diferentes) discutem conceitos hoje incorporados ao urbanismo: “olhos da rua”, vigilância promovida pelo movimento de pessoas e permeabilidade das edificações; quadras curtas e caminháveis; novos usos devem usar edifícios antigos; e diversidade de usos e épocas das edificações.

A ideia de trazer o JW para o Recife veio após uma ida à Toronto, ao visitar a Victoria Memorial Square, última residência de Jacobs, que homenageia a ela e seu marido com uma escultura, o arquiteto Robert Hyde Jacobs Jr, a quem creditava sua cultura urbanística (Segawa, 2002). Também se observou a presença de Jacobs no cartaz do documentário *Urban Wisdom* (2003), de Andrea Torrice, e nas placas em postes que diziam “comunidade protegida – vigiada pela vizinhança” (Fig. 01).

Em 2016, Toronto passava por alguns conflitos urbanos por conta de projetos de renovação em áreas portuárias, retrofits de habitações sociais, construção de novos condomínios e reuso de edifícios fabris com equipamentos de cultura, comércio e lazer. Na mesma época, o Recife passava por questões semelhantes, como a proposta de quatro viadutos sobre a Av. Agamenon Magalhães (não construídos), o projeto Porto Novo, a Via Mangue e o Projeto Novo Recife (Nascimento et al., 2013; Albuquerque, Gomes, 2017).

As iniciativas promovidas pelo JW também geraram estudos, tais como: o JW como estratégia para envolver o público no processo de planejamento (Börjesson, Johansson, 2013); caminhadas como meio de reflexão sobre urbanidade e legibilidade dos espaços públicos (Farias, Andrade, Tenório, 2014); a relação entre o ambiente construído residencial, a vitalidade urbana e a atividade pedestre (Sung, Lee, 2015); os desafios para uma mobilidade sustentável (Tapia Álvarez, Ruiz Rivera, 2022); e outros (Paese et al. 2018; Paese, Mariano, Debiasi, 2021). Neste sentido, uma premissa adotada pela organização do Recife foi a de trabalhar com temas que tenham um bom suporte na literatura, bem como de relacioná-las com iniciativas em curso na cidade.

Ao longo de sete anos, foram realizados quatro festivais no Recife (2016, 2017, 2022 e 2023), os três primeiros objetos de estudo deste artigo [1]. Os temas das edições abordadas são: O que torna uma rua segura para mulheres? (2016); A gente pedeLUZ (2017); A cidade como suporte para a arte e a vida pública (2022). Ao refletir sobre estas edições, observou-se que, seja no tema da caminhada, nas conversas do percurso, ou em suas paradas, o medo atravessa as três edições de diferentes formas. Este aspecto permite formular a hipótese de que o medo é um sentimento constante, e não uma variável, na experiência do espaço urbano no Recife. Tal experiência pode ser sintetizada através do conceito de urbanidade, isto é, a interação entre a forma da cidade e os processos urbanos (sociais, políticos, econômicos etc.), entendidos como manifestações da vida urbana (Aguiar et al., 2012), “uma experiência que não está nas pessoas ou no ambiente construído”, mas que “é produzida no processo de nossa interação com o ambiente construído” (Rheingantz, 2010, p. 113).

Na América do Sul, caminhar significa enfrentar muitos medos: medo da cidade, medo do espaço público, medo de infringir as regras, medo de apropriar-se do espaço, medo de ultrapassar barreiras muitas vezes inexistentes e medo dos outros cidadãos, quase sempre percebidos como inimigos potenciais. Simplesmente o caminhar dá medo e, por isso, não se caminha mais; quem caminha é um sem-teto, um mendigo, um marginal (Careri, 2013, p. 170).

Tal hipótese encontra suporte na literatura. Careri (2013), por exemplo, afirma que, na América do Sul, onde o fenômeno antiperipatético e antiurbano parece mais claro do que na Europa, o medo é inerente ao caminhar. O autor também reflete sobre que tipo de cidade pessoas que tem medo de caminhar produzem (Careri, 2013) e critica a segurança como única categoria para se desenhar cidades, ecoando Jacobs, ao afirmar que “o único modo de ter uma cidade segura é haver gente caminhando pela rua” (Careri, 2013, p. 170). Anos antes, Bauman (2009) afirmou que a cidade se transformou em um território de medo e insegurança cuja arquitetura e o espaço urbano, ao utilizarem mecanismos que restringem o contato com o desconhecido, tornaram-se promotores de segregação. Isto é, “as cidades – que na origem foram construídas para dar segurança a todos os seus habitantes – hoje estão cada vez mais associadas ao perigo” (Bauman, 2009, p. 20).

Melgaço (2010) chama a alteração das paisagens urbanas em função da violência e do medo de *securização urbana*, uma racionalização do território por meio da informatização do cotidiano e da criação de espaços exclusivos. Tal processo, segundo o autor, aumenta desigualdades e privatiza espaços públicos e o excesso de vigilância reforça a psicosfera do medo e cria novas neuroses e violências. O medo é a resposta emocional frente a uma ameaça, que, no caso do medo de crimes violentos, também inclui a sensação de perigo e ansiedade diante da possibilidade de ser prejudicado (Smith, 1987; Pain, 2000). Além de um sentimento individual, o medo é também socialmente construído, uma emoção social e estruturante das relações dos indivíduos em um sistema, “um comportamento apreendido culturalmente, que é transitório e situacional. Tal sensação é influenciada pela experiência pessoal, bem como [por] fatores externos e componentes físicos e de controle do local” (Siqueira, 2015, p. 13) – sendo essa a dimensão de interesse para esta discussão.

Nesse contexto, a investigação estrutura-se em três temas que representam os atravessamentos do medo nas edições do Festival JW em Recife: 1) Assimetrias: o medo enquanto experiência atualmente desigual; 2) Mitigações: possibilidades futuras de atenuar o medo; 3) Memórias: rememorando medos passados. Os temas também refletem a relação temporal na experiência do medo, uma vez que: o tema das *assimetrias* retrata o tempo presente, no sentido de que a questão de gênero no uso dos espaços públicos, embora sempre tenham existido, segue persistentemente desigual; o tema das mitigações levanta possibilidades futuras de atenuar o medo da cidade, sobretudo à noite; e o tema *memórias* remete às experiências de medo passadas, materiais ou imateriais, isto é, presentes nas obras de arte do percurso ou relatadas pelos participantes no trajeto.



Fig. 01 Presença de Jacobs em Toronto e problemáticas observadas na cidade. Fonte: Elaboração da autora (a partir de fotos de 2016)

1. Assimetrias: o medo enquanto experiência atualmente desigual

O tema assimetria, que guia a discussão da questão do medo no Festival JW Recife 2016, “O que torna uma rua segura para mulheres?”, integra a proposta da caminhada, que convidou os participantes a observar aspectos do espaço urbano que podem limitar o seu uso pelas mulheres. Foram realizados dois eventos: uma roda de conversa, em 4/5/2016, e a caminhada, no dia 7/5/2016. Como era a primeira edição no Recife, e naquele ano Jacobs faria 100 anos, fez-se um evento introdutório para apresentar o movimento, tema e parceiros (INCITI, Action Aid, app Colab, portal Mobilize, movimento Deixa Ela em Paz e projeto Calçadas que Andei). As iniciativas que embasaram esta edição foram as ações do Núcleo de Estudos em Espaço e Gênero (NEG), formado por discentes e docentes da graduação em Arquitetura e Urbanismo e da pós-graduação em Desenvolvimento Urbano da UFPE (Nóbrega, 2016), bem como a dissertação de mestrado de Siqueira (2015), *Por onde andam as mulheres: percursos e medos que limitam a experiência de mulheres no centro do Recife*.

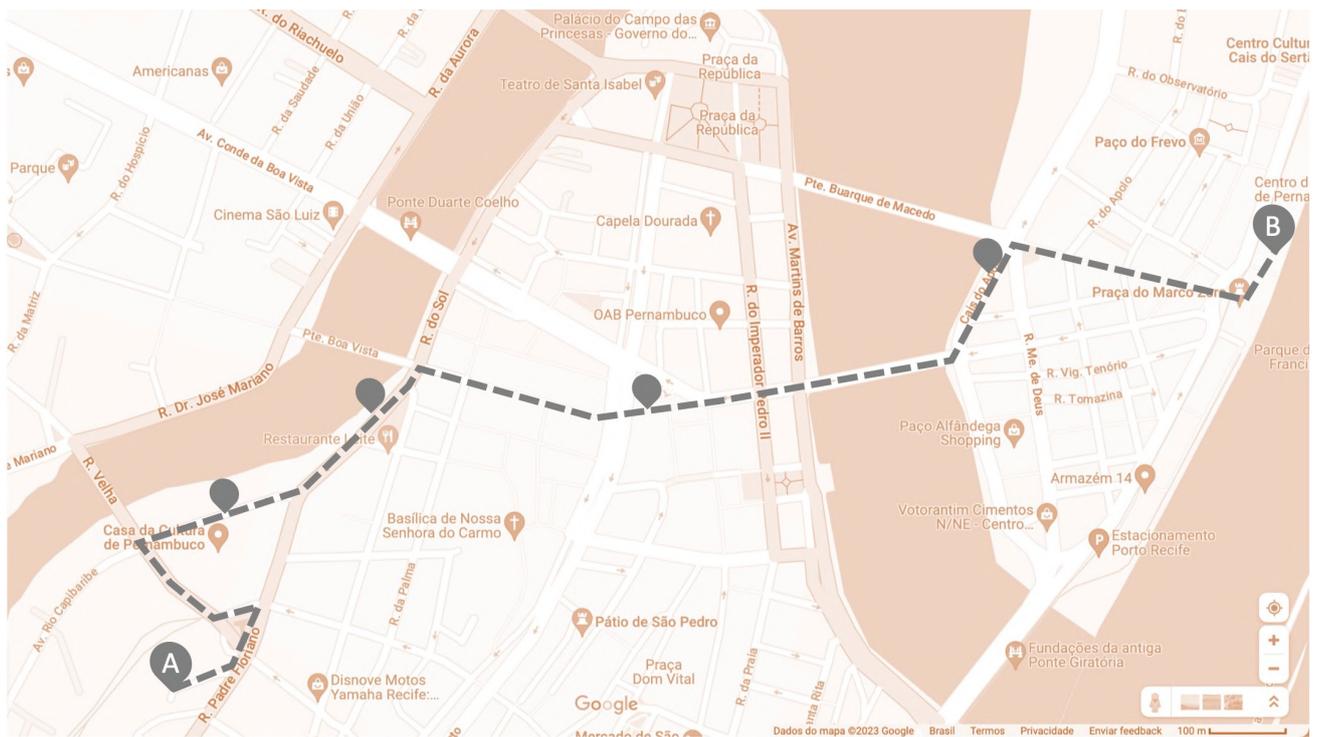
Em 2015 e 2016 o NEG/UFPE promoveu dois seminários de pesquisa, *Espacializando Gênero e Mulheres e Arquitetura Moderna*, que mapearam trabalhos na área, conectaram pesquisadores ligados ao tema e identificaram desafios e potencialidades no ensino e pesquisa de gênero na arquitetura e urbanismo (Nóbrega, 2016). Estes seminários também levantaram um amplo corpo de referências sobre a constituição do espaço arquitetônico e urbano pelas lentes das questões de gênero (Hayden, 1982; Colomina, 1992; Massey, 1994; Bell, Valentine, 1995; Betsky, 1997; Friedman, 1998; Higgs, 1999; Rendell, Penner, Borden, 1999).

Já o trabalho de Siqueira (2015), líder da caminhada, considera o medo como fator limitante no acesso à cidade e conclui que a forma de orientação no espaço público é distinta, pois as mulheres “consistentemente apresentaram como referência espaços públicos, ruas e praças, além de referências históricas. Os homens faziam uso de marcos na paisagem, suas referências eram as edificações, a loja, o camelódromo, o prédio.” (Siqueira, 2015, p. 110). Isto é, as mulheres possuem uma diferente percepção do espaço público e do medo do crime devido à experiência de acesso à cidade distinta, caracterizada pelos papéis sociais de gênero, interferindo em seus deslocamentos – em cadeia, para mulheres (que assumem o trabalho reprodutivo, tendo, vários propósitos e destinos em um mesmo percurso), e pontual, para homens (focados no trabalho produtivo).

A dissertação também embasou o percurso, que reproduziu um dos caminhos sugeridos pelos entrevistados na pesquisa, que indicaram “um caminho seguro para uma jovem turista, entre o Marco Zero, no Bairro do Recife e o Bairro de São José” (Siqueira, 2015, p. 56). Na pesquisa, o percurso deveria ser realizado após às 17h30, quando a sensação de segurança é menor segundo Valentine (1989), que afirma que à luz do dia as mulheres identificam partes da cidade como perigosas, mas à noite toda a cidade é considerada um perigo. Os participantes também relataram situações, pessoas ou grupos e comportamentos a serem evitadas.

Os resultados indicaram que caminho seguro para as mulheres é o caminho com muitas pessoas circulando. [...] O que corrobora com o argumento de que quanto maior a presença natural de pessoas, mais o espaço é vigiado naturalmente e maior será a sensação de segurança (Jacobs, 2000; Hillier, 1988). Em suas recomendações sobre os locais que devem ser evitados, as mulheres demonstram preocupação com questões espaciais e sociais, ruas sem iluminação e quantidade de pessoas circulando nela. A associação entre estas duas recomendações, evitar ruas vazias e sem iluminação, fortalece o argumento sobre a importância da iluminação, pois traz o conforto para as pessoas que andam nas ruas e proporciona a “multiplicação dos olhos”, mas que de nada adiantará se não existir pessoas trafegando nelas (Jacobs, 2001) (Siqueira, 2015, p. 112).

Optou-se por realizar a caminhada pela manhã, das 9h às 12h, para facilitar a adesão, mas também pensando na segurança dos participantes, uma vez que o percurso foi feito no centro (atravessando os bairros de São José, Santo Antônio e Bairro do Recife), que, aos fins de tarde dos sábados se torna bastante vazio. Mesmo com a mudança de horário, o que diminui a sensação de medo, já que o percurso foi feito à luz do dia e coletivamente, os participantes, sobretudo mulheres, relataram diversas situações em que os espaços do percurso pareceram perigosos, reforçando o fato de que “a mulher exercita diariamente uma espécie de negociação do uso do espaço público” (Valentine, 1989 apud Siqueira, 2015, p. 2) (Fig. 02).



A = saída, pátio da estação de metrô Recife (São José) / B = chegada, Centro de Artesanato de Pernambuco (Bairro do Recife, Marco Zero)

B2 DIÁRIO DE PERNAMBUCO LOCAL

Ruas mais seguras para as mulheres

A segurança nas vias foi o tema escolhido para a caminhada Jane's Walk no Recife, que traz na discussão a necessidade de oferecer melhores condições a elas

Axperiência das mulheres no ato de andar a pé nas ruas do Recife, com todas as sensações e riscos que isso envolve, poderá ser discutida hoje durante a caminhada Jane's Walk, um movimento que acontece em todo mundo, inspirado nos ideais da urbanista e ativista Jane Jacobs (1916-2006). Entre as abelhas defendidas por ela está o conceito de vizinhanças caminháveis e cidades planejadas por pessoas e para pessoas. Este ano, o evento celebra 100 anos de Jane Jacobs e 10 anos de Jane's Walk.

No Recife, a urbanista e professora da UFPE Lígia Nóbrega, o tema "O que torna uma rua segura para as mulheres" foi escolhido porque, nesse momento de redesenho das novas configurações urbanas, é preciso pensar as especificidades das dificuldades da mulher dentro da cidade. Este ano, no Recife, Brasília, Goiânia e São Paulo também promovem o festival. "Na mesma cidade podem ser rotineiras várias caminhadas vinculadas ao Jane's Walk. No nosso caso, a gente optou por envolver urbanistas, segurança e gênero porque recentemente a mestre

atribuição de ler e buscar o filho na escola. Durante esse evento, vamos discutir a cidade para essa mulher mas também pensar a desconstrução desses comportamentos e atribuições", acrescenta Lígia.

Entre os itens elencados como um elemento de insegurança urbana para a caminhada urbana Lúcia Siqueira destaca a precariedade da iluminação pública das ruas das cidades e da falta de um mínimo jorro de água em muitos bairros do Recife. "Na minha pesquisa, perguntei a mulheres e homens quais locais achavam inseguros, quais achavam seguros, e os elementos que os caracterizam como tal. A iluminação pública foi um dos itens mais comentados dentro desse roteiro Estação Central-Marco Zero. Já a movimentação de pessoas foi apontada como um fator de segurança", explicou Lígia.



Campanha quer incentivar o uso do espaço urbano sem medo da criminalidade

Saiba mais sobre o Jane's Walk

Objetivos

- Fazer com que as pessoas conheçam entre si e se conheçam melhor dentro da sua cidade
- Gerar de conteúdo e suas vantagens
- Querir discutir o futuro social e urbano da comunidade
- Querir participar da integração ao qual melhor do ambiente urbano
- Deixar maior visibilidade e vantagens

Que tal pensar um Jane's Walk em 2027 (como falar a caminhada)?

- Elabore e faça que você quer discutir
- Convide amigos e vizinhos para fazer durante o seu roteiro
- Planeje uma rota (compre o roteiro em: www.janeswalk.org)
- Deixe para amigos, vizinhos, locais, instituições, qualquer um que você quiser sua contribuição para o Jane's Walk (disponíveis pôsteres customizáveis para distribuição)



Fig. 02 Festival JW Recife 2016 – percurso, reportagem no Diário de Pernambuco, roda de conversa e momentos da caminhada. Fonte: Elaboração da autora (a partir de mapa de Google Maps, matéria de jornal, foto via Facebook do INCITI e fotos da autora)

2. Mitigações: possibilidades futuras de atenuar o medo

Retomando a citação de Siqueira (2015), sobre a importância da iluminação para a sensação de segurança, este segundo eixo, mitigações, reflete sobre o Festival JW 2017, “A gente pede luz”, realizado em 4/5, que discutiu como a experiência do medo na cidade, especialmente à noite, pode ser mitigada por meio de uma iluminação pública adequada e testou de um protótipo luminária voltada para pedestres.

Diferentemente de 2016 e 2022, que contou com rodas de conversa antecedendo a caminhada, a discussão do tema desta edição se deu na concentração do percurso. A caminhada foi liderada pela arquiteta e professora Clarissa Duarte, moradora do bairro das Graças, onde o protótipo foi instalado – na Rua das Graças, mais precisamente. Clarissa, por meio do Programa Nagi Maker do Núcleo de Apoio à Gestão da inovação do IEL-PE, do Fab Lab Recife e da Associação de Moradores das Graças, foi a idealizadora do protótipo, o pedeLUZ, financiado pelo Fundo Socioambiental Casa, da Caixa Econômica Federal [2].

A ideia de fabricar um dispositivo de iluminação voltado para pedestres deve-se ao fato de que a iluminação pública do Recife se volta, em sua maioria, para o leito da via, com foco nos carros. Já a iluminação das calçadas e espaços livres públicos é insuficiente, seja pela escassa presença de postes, pela baixa potência luminosa e pelos conflitos existentes entre postes, fiação e arborização urbana – esta última vista por muitos, inclusive pelo poder público, como um atrapalho à gestão do espaço público, sendo por vezes podada exageradamente ou mesmo eliminada como forma questionável de resolver estes conflitos.

O percurso pensado para a caminhada, com menos de 1km, passou pela Rua das Graças, Avenida Rui Barbosa, Rua Cardeal Arcoverde, Rua das Pernambucanas e retornou à Rua das Graças. Apesar de curto, foi possível percorrer vias de características distintas, no que se refere ao porte (sendo a Av. Rui Barbosa uma via coletora), aos usos (predominantemente residenciais, mas com variações na presença de comércio e serviços) e, principalmente, à iluminação pública (Fig. 03).

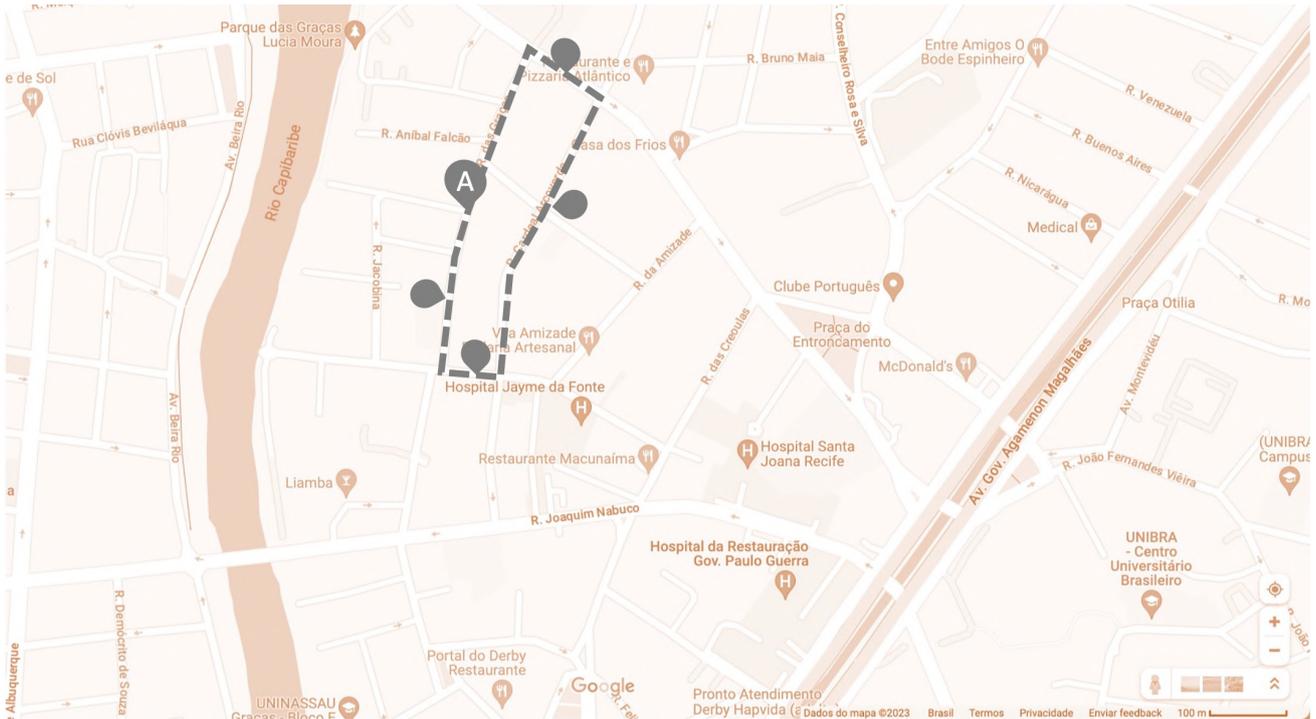
Se a Avenida Rui Barbosa possui uma melhor iluminação, reforçada pelos equipamentos de comércio e serviços, as demais vias, sobretudo a R. das Graças e a Cardeal Arcoverde possuem trechos bastante escuros, pela menor presença de comércio e serviços e, sobretudo, pela abundante arborização, aliada da melhoria da qualidade de vida nas cidades que, nesse contexto pode passar a ser vista erroneamente como um problema. Como o protótipo situava-se no trecho central da Rua das Graças, foi possível notar com evidência o seu impacto na iluminação pública, tanto pela altura adequada, quanto pela direção e intensidade da luz.

O artefato, fabricado digitalmente em MDF com utilização de placas solares para alimentação energética e sensores de presença, foi pensado para ser fabricado em larga escala, podendo vir a ser implantado em toda a cidade, mas infelizmente não passou da fase de protótipo. Seu design possui um esquema de encaixe, daí o nome “pé de luz”, por remeter a um pequeno pé que poderia ser plugado aos postes de iluminação existentes, diminuindo os custos para a sua implantação.

Nesta caminhada, o tema do medo aparece de forma mais sutil do que na edição anterior, que evocava pela questão da segurança já em seu título. No entanto, o ato de pedir luz subentende um desejo por mais segurança para caminhar pelo bairro à noite, que, novamente segundo Valentine (1989), é algo percebido como inseguro por todos, homens e mulheres.

Para além do medo de crimes violentos, outros medos foram levantados pelos participantes ao longo do percurso, como o de se acidentarem, uma vez que, ainda que as Graças seja um bairro de classe média e alta recifense, seus passeios públicos são irregulares e sem um padrão definido. Isso deve-se, em certa medida, ao fato de que a construção, manutenção e recuperação das calçadas, segundo o Decreto 20.604/2004, salvo exceções (como frentes de água, imóveis públicos, canteiros centrais, cruzamentos e parques) é de responsabilidade do proprietário ou ocupante do imóvel.

Portanto, a iluminação pública para pedestres pode resultar numa maior utilização dos espaços públicos por todos - idosos, crianças, mulheres e portadores de necessidades especiais – e em diversos horários, uma vez que enfrentar o medo da noite pode gerar uma maior utilização destes espaços também durante o dia.



A = saída e chegada, esquina da R. Sebastião Leme e R. das Graças (Restaurante A Fazendinha, bairro das Graças)



1ª Caminhada Noturna das Graças



Caminhada: A GENTE pedeLUZ

O impacto da iluminação pública na sensação de segurança e na coexistência noturna nas Graças



Fig. 03 Festival JW Recife 2017 – percurso, instalação do protótipo, participantes na caminhada, protótipo e participantes. Fonte: Elaboração da autora (a partir de mapa do Google Maps, foto da página do Facebook do Fab Lab Rec e fotos da autora)

3. Memórias: lembrando medos passados

O terceiro eixo diz respeito à questão do medo como memória, material ou imaterial, na edição do Festival Jane's Walk 2022, A cidade como suporte para a arte e a vida pública. A caminhada foi liderada pela arquiteta e arte educadora Lúcia Padilha, autora do site e do livro Recife Arte Pública (2022), que documenta as principais obras de “arte inserida na paisagem urbana” (Padilha, 2022, p, 5), dentre esculturas, murais e vitrais, situados em espaços abertos (ruas, praças e parques) ou fechados (halls de edifícios), de propriedade privada ou pública, classificadas em quatro temas: cidade arte, cidade memória, cidade identidade e cidade poesia.

Assim como em 2016, o Festival de 2022 foi composto por uma roda de conversa virtual, no dia 04/05/22 [3], e pela caminhada presencial, no dia 07/05/2022. Além de Padilha, participaram da roda Ana Paula Vilaça (Recentro/Prefeitura do Recife), Arthur Braga (Espaço Criadouro), Demétrio Albuquerque (escultor) e Bruno Firmino (co-presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil, Departamento Pernambuco, IAB/PE), envolvidos na produção e preservação da arte pública, bem como em iniciativas situadas no centro do Recife.

Diferentemente de 2016 e 2017, onde o medo atravessou as caminhadas de forma explícita e implícita, respectivamente, na edição de 2022 esta não era uma questão inicialmente prevista. O percurso foi pensado de modo a percorrer um trecho do centro do Recife onde as obras de arte pública aparecem de modo frequente, utilizando a paisagem da cidade de diferentes formas dar suporte à sua instalação, bem como servindo de marcos para usos cotidianos e manifestações cívicas.

A caminhada foi realizada num sábado de manhã, com início no Parque 13 de Maio, bairro de Santo Amaro (escultura Os Violeiros, 1956, Abelardo da Hora), percorrendo: R. da Aurora, ponte Princesa Isabel, Praça da República, Av. Dantas Barreto, Ruas Siqueira Campos e Cleto Campelo, Av. Guararapes e finalizando na Praça da Independência, conhecida como Praça do Diário, no bairro de Santo Antônio – tomando a arte pública como fio condutor. Ao longo do percurso, contudo, o medo emergiu novamente de dois modos distintos, associados a memórias materiais e imateriais relacionadas a tempos passados, e despertado pela arte pública, que:

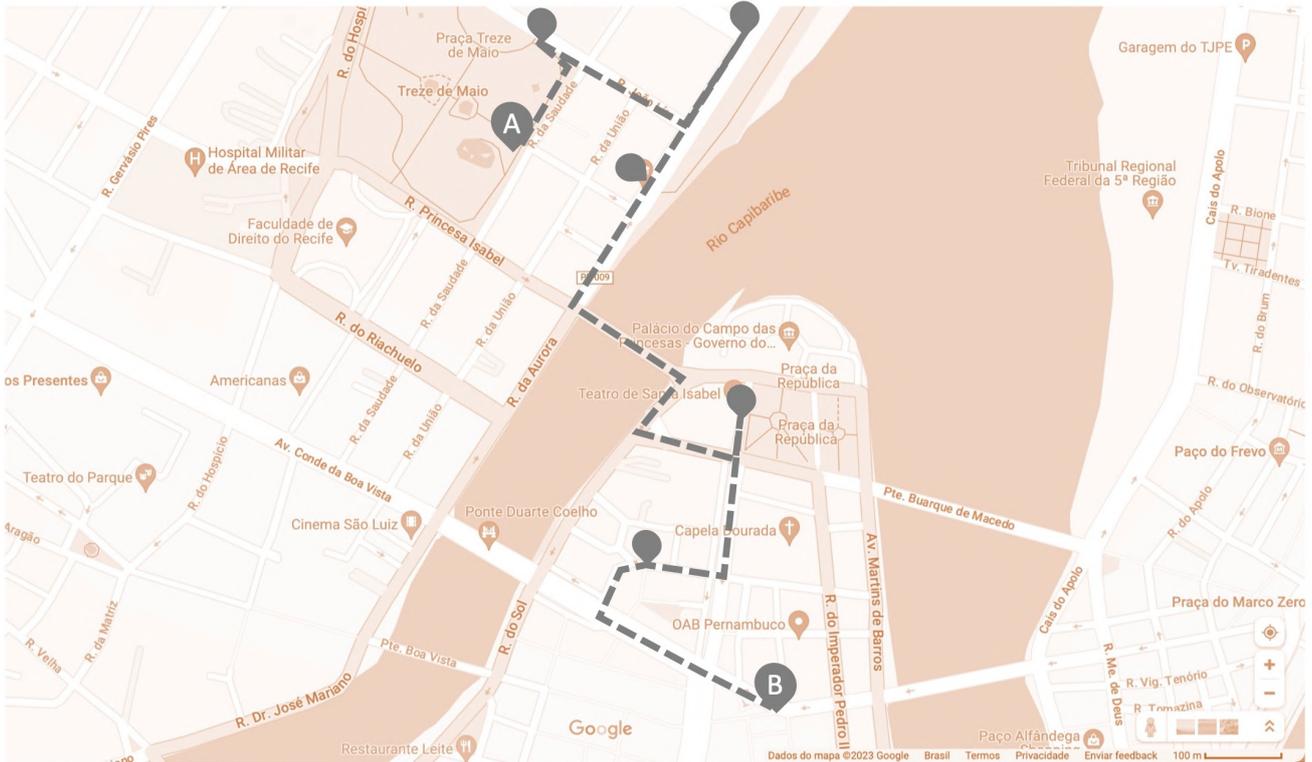
“faz parte das nossas deambulações quotidianas, assim como o espaço público que a possibilita. Além do espaço é de referir também o tempo, nomeadamente as últimas décadas, marcadas pela ideia de cidadania, que orienta os mais diversos discursos, políticas e práticas culturais de hoje. [...] constitui a manifestação artística que mais tem a ver com o conceito de cidadania” (Correia, 2013, p. 5-6).

Sobre os medos e memórias materiais, estes se observam na temática de algumas das obras do percurso, que frequentemente tem a finalidade de lembrar pessoas e/ou eventos históricos (Correia, 2013). Neste sentido, destaca-se o Monumento Tortura Nunca Mais, classificado no tema ‘cidade memória’ no livro Recife Arte Pública (2022) por lembrar as dores e injustiças do regime militar. Um dos pontos mais emblemáticos e efusivos da caminhada, que provocou grande discussão entre os participantes, o local é um importante ponto de encontro de manifestações populares, amparados pela espacialidade e simbolismo do monumento.

Outra obra que remete ao medo como memória material é o Monumento aos Heróis da Revolução de 1817, de Abelardo da Hora (1994), escultura em concreto na Praça da República que homenageia os destemidos pernambucanos que, no Brasil Colônia, se rebelaram contra a Corte Real, situada no Rio de Janeiro, e fizeram de Pernambuco uma república independente por 75 dias (Padilha, 2022). Ressalta-se ainda que as obras de Abelardo da Hora frequentemente homenageiam figuras anônimas populares, esquecidas e oprimidas, como a própria escultura Os Violeiros ou O Vendedor de Caldo de Cana (1956), também no Parque 13 de Maio.

A segunda forma na qual o medo atravessou a edição de 2022 chama a atenção precisamente por estar dissociada do tema da caminhada e das obras visitadas no percurso. Associada à noção de memórias imateriais, nos pontos de parada ou ao longo do caminho, os participantes frequentemente relataram medos passados, oriundos de experiências anteriores vividas no espaço público do centro do Recife.

Mesmo quando outro aspecto estava sendo discutido (como particularidades de alguma obra), e que o horário e formato da caminhada não estimulem tal percepção (por ter sido em grupo e de dia), os participantes compartilharam memórias de experiências de medo e insegurança nos locais por onde a caminhada passou, como, por exemplo, em alguns trechos da Rua da Aurora, onde há ausência de pessoas e de atividades no entorno. Outro ponto do percurso em que a discussão das memórias do medo emergiu foi na parada final, na Praça do Diário, quando alguns participantes relataram experiências de insegurança e crime vividas no local.



A = saída, Parque 13 de Maio (Santo Amaro, escultura Os Violeiros, Abelardo da Hora)

B = chegada, Praça da Independência (Santo Antônio, estátua de Carlos Pena Filho, Demétrio Albuquerque/Circuito da Poesia)



Fig. 3 Festival JW Recife 2022 – percurso e principais momentos. Fonte: Elaboração da autora (fotos de Sandra Leão)

Considerações finais

Este trabalho refletiu criticamente sobre três edições do Festival Jane's Walk realizadas em Recife em 2016, 2017 e 2022. Para além de registrar estas ações, que podem embasar outras iniciativas futuras, esta reflexão identificou a questão do medo na experiência do espaço urbano como tema comum a todas essas edições.

O modo como o medo atravessou, espacial e temporalmente, cada edição, reflete-se nos temas que estruturam o trabalho: 1) Assimetrias – que discutiu as desigualdades de gênero na vivência das cidades persistentes na atualidade, a partir do Festival JW Recife 2016; 2) Mitigações – que trouxe possibilidades de atenuar o medo nos espaços público, sobretudo à noite, no Festival JW Recife 2017; 3) Memórias – que tratou da arte pública e dos centros urbanos como suporte de memórias materiais e imateriais de experiências de medos do passado, com base no Festival JW Recife 2022. Optou-se por discutir os Festivais em ordem cronológica, isto é, 2016, 2017 e 2022, ciente de que isso significa abordar os temas em ordem não-cronológica, uma vez que o tema assimetrias está relacionado ao presente, mitigações ao futuro e memórias ao passado.

Nos três casos, o medo atravessou as caminhadas de diferentes formas e intensidades. Em 2016, o medo se fez presente de modo latente no tema e nos estudos que a embasaram, na composição de seus apoiadores, como movimentos sociais ligados à questão, e nas discussões da roda de conversa e do percurso, que questionou os participantes sobre que elementos do espaço urbano tornam uma rua segura para mulheres. Em 2017, o medo estava implícito, na sensibilização da comunidade para a necessidade de uma iluminação pública adequada para pedestres, que, ao possibilitar uma experiência do espaço urbano noturna mais segura, período do dia em que o espaço urbano é temido por todos, pode também aumentar o seu uso em outros momentos do dia por diferentes grupos de pessoas. Por fim, a edição de 2022 atravessada pelo medo de modo mais sutil. Nela, o medo esteve presente nas falas dos participantes a partir das memórias materiais – contidas no simbolismo de algumas das obras de arte pública do percurso, e imateriais – despertadas pelos espaços do centro do Recife percebidos como inseguros ou nos quais já sofreram ou presenciaram violências.

Durante a escrita deste trabalho, foi realizada a quarta edição do Festival Jane's Walk Recife, em maio de 2023, Campus para Pessoas: patrimônio moderno, desafios contemporâneos, composta por uma roda de conversa, em 04/05/2023 [4], e uma caminhada, no dia 07/05/2023, pelo Campus Joaquim Amazonas da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). O intuito era discutir como a arquitetura e o urbanismo modernos de parte de seus edifícios e espaços públicos podem ser conservados, ao passo que necessitam ser atualizados. Embora seja preciso analisar mais a fundo esta edição, mais uma vez o medo atravessou as discussões do percurso, como, por exemplo, na primeira parada, onde os participantes observaram alterações realizadas nos edifícios e áreas livres, introdução de câmeras e gradis, com o intuito de promover segurança.

A aguda e crônica experiência da insegurança é um efeito colateral da convicção de que, com as capacidades adequadas e os esforços necessários, é possível obter uma segurança completa. Quando percebemos que não iremos alcançá-la, só conseguimos explicar o fracasso imaginando que ele se deve a um ato mau e premeditado, o que implica a existência de algum delinqüente (Bauman, 2009, p. 9).

Estes aspectos remontam ao argumento inicial de Careri (2013), de que, nas cidades latino-americanas, o ato de caminhar parece ser indissociável da experiência do medo. No entanto, procura-se com este trabalho, bem como com a realização dos Festivais Jane's Walk em Recife, estimular o contato com os espaços urbanos, através do caminhar, do refletir e do partilhar verbalmente estas reflexões, estimulando novas formas de nos mover coletivamente nestes espaços, apesar do medo.

Essa componente da coletividade remete à conclusão do livro de Bauman (2009), que também reflete a conclusão deste trabalho, que sugere que o principal desafio dos pensadores e políticos contemporâneos é recuperar a dimensão comunitária do espaço público, como forma de (re)aprender a arte de uma coexistência amigável, pacífica e segura. Portanto, mais do que fomentar cidades excessivamente vigiadas, que tolgem liberdades individuais e aumentam a psicoesfera do medo (Melgaço, 2010), é preciso estimular o uso destes espaços por diferentes pessoas, em diferentes horários e de diferentes formas, possibilitando assim a coexistência da diversidade, algo que Jacobs nos recomenda pelo menos desde os anos 1960.

Agradecimentos

A todas as pessoas, instituições e movimentos que colaboraram, direta ou indiretamente, com a realização das quatro edições do Festival Jane's Walk Recife (2016, 2017, 2022 e 2023).

Notas

[1] O hiato entre 2018 e 2021 deveu-se ao afastamento da organizadora para realização de doutorado e à pandemia de Covid-19.

[2] Dados fornecidos pela líder da caminhada, Clarissa Duarte, em 2017.

[3] Roda de conversa do Festival JW Recife 2022: <https://www.youtube.com/watch?v=G4rh1Ualw5E>

[4] Roda de conversa do Festival JW Recife 2023: <https://www.youtube.com/watch?v=szj1abhXZY>

BIBLIOGRAFIA

- Aguiar, D. et al. (2012). *Urbanidades*. Letra e Imagem Editora e Produções LTDA.
- Albuquerque, M., & Gomes, E. (2017). O jogo do poder na produção do espaço do Recife. *Revista Rural & Urbano*, Recife, v. 2., n. 1, 39-56.
- Bauman, Z. (2009). *Confiança e medo na cidade*. Jorge Zahar Editor Ltda.
- Bell, D. & Valentine G. (1995). *Mapping Desire: Geographies of Sexualities*. Routledge.
- Betsky, A. (1997). *Queer Space. Architecture and Same Sex Desire*. William Morrow.
- Börjesson, J., & Johansson, S. (2013). *Jane's walk som strategi för involvering av allmänheten i planeringsprocessen*. Royal Institute of Technology (KTH).
- Cardoso, L. (2022). *Recife Arte Pública: cidade educativa*. Zoludesign.
- Careri, F. (2013). *Walkscapes: O caminhar como prática estética*. Gustavo Gili.
- Colomina, B. (1992). *Sexuality & Space*. Princeton Architectural Press.
- Correia, V. (2013). *Arte pública: Seu significado e função*. Fonte da Palavra.
- Farias, A., Andrade, L., & Tenório, G. (2014). Urbanity and legibility at Av. Cora Coralina, Goiânia GO/Brasil, from Janes Walk movement. *Proceedings of the Past, Present and Future of Public Space – International Conference on Art, Architecture and Urban Design*, Bologna, Italy, June 25-27, 1-10.
- Friedman, A. (1998). *Women and the Making of the Modern House: A Social and Architectural History*. Harry N. Abrams, Inc..
- Jane's Walk (n.d.). About Us. *Jane's Walk*. Recuperado em maio, 22, 2023, em: <http://www.janeswalk.org>
- Jacobs, J. (2000). *Morte e vida de grandes cidades*. Martins Fontes.
- Hayden, D. (1982) *The Grand Domestic Revolution: History of Feminist Designs for American Homes, Neighborhoods and Cities*. The MIT Press.
- Higgs, D. (1999). *Queer Sites: Gay urban stories since 1600*. Routledge.
- Machry, S. (2016). *Caminhabilidade no Recife: análise morfológica e perceptiva da qualidade da interface público-privada no bairro das Graças* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Pernambuco).
- Massey, D. (1994). *Space, Place and Gender*. University of Minnesota Press.
- Melgaço, L. (2010). *Securização urbana: da psicoesfera do medo à tecnoesfera da segurança* (Tese de doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo).

Nascimento, C., Nóbrega, L., Leal, L., Zatti, C. & Firmino, B. (2013). Os outros, o cinema e a cidade: uma revisão sobre o papel e o sentido de realizar o “Velho Recife Novo”. *Tapete-V!RUS*, n. 9, São Carpos. Recuperado em 20 de abril de 2023, em: http://www.nomads.usp.br/virus/virus09/secs/carpet/virus_09_carpet_49_pt.pdf

Netto, V. (2017). Jane Jacobs: a trajetória depois de Morte e Vida de Grandes Cidades. *Caos Planejado – gestão urbana/economia*. Recuperado em 20 de abril de 2023, em: <https://caosplanejado.com/jane-jacobs-a-trajetoria-depois-de-morte-e-vida-das-grandes-cidades/>

Nóbrega, L. (2016). *Gênero em Arquitetura e Urbanismo: Breve estado da arte e experiências recentes do Núcleo de Estudos em Espaços e Gênero (NEG/UFPE)*. In: Dias, A., Santos, E., Cruz, M. (orgs.). Gêneros, feminismo, poderes e políticas públicas: investigações contemporâneas – 19º REDOR: Encontro Internacional da Refe Feminista Norte e Nordeste de estudos e pesquisas sobre mulher e relações de gênero [livro eletrônico]. Campina Grande. Realize Eventos Científicos e Editora. 377-403.

Paese, C., Volpato, C., Vargas, C. N., Copetti, D., Miriano, G. F., & Moreira, L. M. (2018). JANE'S WALK Cartografia da hospitalidade. *PIXO-Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade*, 2(5), 176-185.

Paese, C., Mariano, G. F., & Debiazi, P. R. (2021). JANE'S WALK 2020: UMA EXPERIÊNCIA DO CAMINHAR ALÉM DOS PÉS. *PIXO-Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade*, 5(18).

Pain, Rachel. (2000). Place, social relations and the fear of crime: a review. *Progress In Human Geography*, Northumbria, v. 3, n. 24, 365-387, 01 set. 2000. Recuperado em 20 de abril de 2023, em: <http://phg.sagepub.com/content/24/3/365.short>

Pedeluz. *FabLab Recife*. Recuperado em 8 de fevereiro de 2023, em: <https://www.fablabrecife.com/pedeluz/>

Recife Arte Pública. Recuperado em 8 de fevereiro de 2023, em: <http://www.recifeartepublica.com.br/>

Rheingantz, P. A. (2010). Traduções experienciais da Urbanidade. *Revista INTERFACES*, 13(1), 112-129.

Rendell, J.; Penner, B.; Borden, I. (1999). *Gender Space Architecture: An interdisciplinary introduction*. Routledge.

Segawa, H. (2002). Morte e vida de um grande livro. *Resenhas Online*, São Paulo, ano 01, n. 001.20, Vitruvius, Recuperado em 20 de abril de 2002, em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/01.001/3259>

Siqueira, L. (2015). *Por onde andam as mulheres: percursos e medos que limitam a experiência de mulheres no centro do Recife* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Pernambuco).

Smith, S. (1987). Fear of crime: beyond a geography of deviance. *Progress in Human Geography*, 11, 1-23.

Sung, H., & Lee, S. (2015). Residential built environment and walking activity: Empirical evidence of Jane Jacobs' urban vitality. *Transportation Research Part D: Transport and Environment*, 41, 318-329.

Tapia Álvarez, M., & Ruiz Rivera, N. (2022). Jane's Walk Ciudad de México 2022: los retos de la movilidad sustentable. *Investigaciones geográficas*, (108).

Valentine, Gill. (1989). The Geography of Women's Fear. Blackwell Publishing. *Royal Geographical Society., Reading*, v. 21, n. 4, 385-390, dezembro.